

II INTERNATIONAL MEETING OF ISSOW

Work, Professions and Organizations: Tensions, Paths and Public Policies

24-25 November 2016 :: Caparica, Portugal - Faculty of Sciences and Technology (FCT NOVA)

Theme 1): Innovation and Entrepreneurship

Empreendedorismo feminino em análise: uma história de sucesso

Suélen Cristina de Miranda

suca_miranda@hotmail.com

Mestranda em Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Brasil

Resumo

O termo empreendedorismo tem origem na palavra francesa “entrepreneur” e indica a pessoa que assume riscos e começa algo novo, reinventando a si mesma e reorientando sua identidade segundo as exigências do negócio. Nesse campo, o Brasil tem registrado um equilíbrio de gênero, inclusive com a superação feminina em alguns momentos ou categorias. Sendo assim, esse trabalho teve como objetivo compreender a constituição identitária de uma mulher que alcançou o reconhecimento social no Brasil como empreendedora de sucesso, a partir da perspectiva da identidade enquanto questão social e política, que materializa a dialética singular-universal. Foi utilizado o método de narrativa de história de vida, ressaltando os diversos personagens assumidos pela entrevistada ao longo do tempo, como realidade subjetiva, assim como sua relação com os demais atores sociais, como realidade objetiva. Considerou-se que a história de vida analisada pode ser considerada emblemática, a partir do momento que busca a emancipação e apresenta novas possibilidades identitárias ao grupo social. Embora o início de sua carreira empreendedora não tenha sido uma escolha autônoma, a entrevistada foi além da identidade pressuposta, construindo novas facetas para a personagem mulher-empreendedora que lhe garantiram reconhecimento e satisfação pessoal. Em seu processo de individuação, conseguiu driblar as políticas de identidade impostas, tanto no que se refere as políticas de gênero construídas socialmente (que reduzem as mulheres à personagem de mãe-cuidadora-do-lar) como na superação das desigualdades de um ambiente majoritariamente masculino, de modo a desenvolver fragmentos emancipatórios em busca de uma identidade política. Como o singular materializa o universal, demonstra o quanto a identidade coletiva da mulher vem sendo reconstruída e realinhada com o mundo do trabalho e com a realidade da vida familiar moderna, exigindo uma metamorfose da sociedade como um todo, sobretudo no que diz respeito a normatividade e aos estereótipos instaurados ao longo do tempo.

Palavras chave: Empreendedorismo Feminino, Gênero, Identidade, Narrativa de história de vida.

Introdução

Em um contexto marcado por aceleradas transformações sociais, políticas e econômicas, não se pode deixar de considerar as significativas mudanças ocorridas na dinâmica produtiva mundial. A globalização cada vez mais presente no mundo atual acaba por elevar o índice de desemprego e a escassez dos empregos tradicionais, aumentando o número de profissionais que buscam a atividade autônoma como forma de se manter ativo economicamente. Torna-se nítido o aumento da importância atribuída ao fenômeno do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico das nações, uma vez que “as características da atividade empreendedora e o perfil de inovação na estrutura produtiva determinam a velocidade das mudanças estruturais na economia, introduzindo nova concorrência e contribuindo para a produtividade” (Global Entrepreneurship Monitor [GEM], 2010).

O termo empreendedorismo tem origem na palavra francesa “entrepreneur” e indica a pessoa que assume riscos e começa algo novo (Dornelas, 2008). Apesar dessa definição, o termo ainda não possui uma significação precisa e largamente aceita, sendo que Dornelas (2008) conclui que qualquer que seja a definição escolhida, pelo menos três aspectos serão encontrados: iniciativa e paixão para criar um novo negócio; criatividade para utilizar os recursos disponíveis para mudar o seu entorno social e econômico; riscos assumidos do processo e a chance inerente do fracasso. De acordo com Malvezzi (1999), o empreendedor é um agente econômico reflexivo, que reinventa-se a si mesmo, reorientando sua identidade e criando competências segundo as exigências de transformação do negócio.

No campo do empreendedorismo, o Brasil tem registrado um equilíbrio de gênero, inclusive com a superação feminina em alguns momentos ou categorias. No ano de 2009 as mulheres representavam 53% dos empreendedores brasileiros, além de ser o primeiro ano, em dez anos da pesquisa internacional do GEM, que o número de mulheres empreendedoras por oportunidade, ou seja, aquelas que se tornaram empreendedoras movidas pela identificação de uma oportunidade de negócio e não por não ter outra opção de trabalho, superou o de homens na mesma condição.

Em 2015, o Brasil registrou a maior taxa total de empreendedores desde 2002 quando passou a integrar a pesquisa, atingindo o nível de 39%. Não obstante, houve uma inversão no que tange ao gênero, totalizando 47% de mulheres para 53% de homens, além de um enorme retrocesso entre as mulheres que abriram o negócio por oportunidade (46%), caindo 18% em apenas um ano. Essa informação, associada ao fato de que, no caso dos “empreendedores novos”, aqueles com até 3,5 anos, a taxa feminina superou a masculina, indica que, nesse momento de crise econômica, “entre 2012 e 2015, possivelmente ocorreu um movimento mais forte de entrada de mulheres na atividade empreendedora” (Global Entrepreneurship Monitor [GEM], 2016).

Sendo assim, esse trabalho teve como objetivo compreender a constituição identitária de uma mulher que alcançou o reconhecimento social no Brasil como empreendedora de sucesso, a partir da perspectiva da identidade enquanto questão social e política, que materializa a dialética singular-universal. Foi utilizado o método de narrativa de história de vida, ressaltando os diversos personagens assumidos pela entrevistada ao longo do tempo, como realidade subjetiva,

assim como sua relação com os demais atores sociais, como realidade objetiva. Considerou-se que a história de vida analisada pode ser considerada emblemática, a partir do momento que busca a emancipação e apresenta novas possibilidades identitárias ao grupo social.

As considerações que justificam o presente artigo envolvem a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho que vem ocorrendo em todo o mundo. Soma-se a esta questão a observada escassez de pesquisas mais aprofundadas sobre o empreendedorismo feminino no Brasil, sobretudo quando se refere a uma abordagem psicossocial da questão. Sendo assim, a investigação da identidade de uma empreendedora brasileira bem-sucedida visa contribuir para a construção do conhecimento nesta área.

A história e o projeto de vida de Alice

Alice iniciou sua apresentação contando a respeito de seu convívio familiar e o decisivo período da adolescência:

Eu sou de (...) uma cidade do interior de São Paulo, que tem pouco mais de 300 mil habitantes, (...) e eu acho que ter nascido em uma cidade menor contribuiu também. (...) Eu comecei aos 12 anos trabalhar nas férias porque, até por ser filha única, você tem uma certa carência, então você gosta de dar presente e tudo mais. E minha mãe inteligentemente não falou que não podia, ela falou 'trabalha e ganha para isso', e eu comecei a fazer vendas comissionadas, era uma loja bem pequenininha ainda, e isso foi um marco bem decisório na minha vida, porque a partir daí eu gostei do que eu fiz, e quando eu me formei e pensava em fazer Psicologia eu já estava trabalhando nas férias, então eu me envolvi bastante.

Após apresentar-se por seu nome e sobrenome, primeira representação da identidade e que assume a dialética de igualar e diferenciar o indivíduo (Ciampa, 2005), Alice explicita a importância da família em sua vida, bem como a influência decisiva desta em suas decisões posteriores. Neste sentido, Ciampa (1997) explicita que o sujeito não nasce humano, mas sim humanizável, em um mundo previamente humanizado. Seguindo esse mesmo pensamento, Berger e Luckmann (2004) afirmam que o processo de se tornar humano ocorre na correlação com um ambiente natural, cultural e social específico, a partir da mediação de outros significativos.

Os autores discorrem, então, a respeito do processo de socialização, definido como a ampla introdução de um sujeito no mundo objetivo de uma determinada sociedade. Esta pode ser

classificada como primária, ou seja, quando corresponder a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância e pela qual torna-se efetivamente membro da sociedade, ou secundária, quando corresponder aos demais processos subsequentes que introduzem um sujeito já socializado em novos setores do mundo objetivo.

Ainda de acordo com Berger e Luckmann (2004) a socialização primária é realizada por outros significativos impostos ao indivíduo, que mediatizam o mundo social objetivo e filtram aspectos deste mundo de acordo com sua localização na estrutura social e suas próprias idiossincrasias individuais, revelando que essa socialização não será ampla e generalizada, mas sim de acordo com as biografias de cada um. Além disso, esta socialização é carregada de emoção, uma vez que a interiorização só ocorre quando há identificação, de modo que a criança interioriza o mundo dos outros significativos como sendo o único mundo possível e existente.

Assim sendo, Alice, advinda de uma família trabalhadora, iniciou suas atividades empregatícias na adolescência, com o único intuito de obter a própria renda para presentear seus amigos e familiares. Não obstante, a “predisposição” por pertencer a uma família empreendedora a direcionou a identificar-se com o “mundo” da família e a prosseguir no negócio. Deste modo, abandonou o desejo de cursar Psicologia, formando-se em Direito e Administração, mas sem nunca abdicar da área de humanas.

[Então] por incrível que pareça eu queria fazer Psicologia, mas como na época não tinha [na cidade que eu morava], eu teria que sair fora, mas eu acho que era uma missão minha mesmo, porque quando a gente quer fazer uma coisa a gente acaba fazendo, eu sempre sou assim, já enfrentei tantas coisas. E eu acho que por eu ter tido a missão de trabalhar na empresa eu acabei me rendendo, mas por eu gostar de Psicologia que eu acho que eu coloquei muita coisa, por gostar de pessoas. (...) Passei por todos os setores, e eu sempre cuidando das relações, [com] um pouco de talento, de gostar de pessoas, da área humana.

Neste trecho Alice deixa claro que a passagem da **adolescente-que-queria- apenas-presentear** para a **mulher-empreadora** não foi uma escolha autônoma, mas uma “rendição” ao já mencionado “mundo” da família, que a entrevistada descreve como uma “missão”. Apesar disso, a entrevistada relata ter tido autonomia para introduzir o que ela denomina “área humana” na empresa, metamorfoseando as formas de se relacionar com o mundo e trazendo satisfação pessoal para si. Neste sentido, Ciampa (2005) compartilha o pensamento de Sartre: “Não importa

o que fizeram de mim, o que importa é o que eu faço com o que fizeram de mim” para dizer que o indivíduo sempre pode reagir as imposições e criar novas formas de lidar com o outro.

(...) [Os convites para os diversos cargos assumidos ocorreram] naturalmente, eu nunca busquei ser presidente, até porque a empresa era tão pequena. Eu tenho uma frase que eu gosto muito “primeiro faça o possível, depois o necessário e de repente estará fazendo o impossível”. Então cada coisa para mim é o mais importante. (...) Se você fizer o necessário toda hora da sua vida, o impossível vai chegar, porque você dá o máximo de você, nem agora eu falo vou ser tal coisa, as coisas acontecem porque eu faço muito bem cada coisa que eu estou fazendo, muito bem que eu digo não é que não erra, mas inteira, com muito carinho e dedicação. (...) Eu sou muito dona do meu tempo, só que eu tenho uma grande dedicação, mas eu sou apaixonada pelo que eu faço, é diferente, eu não faço porque os outros me querem. (...) Eu perdi meu marido muito de repente e o que me salvou não foi nem o trabalho, foi a paixão que eu tenho pelo que eu faço, então você ter paixão pelo que você faz te salva de muitas situações, porque o dinheiro é consequência, trabalho já é bom ter, agora você ser apaixonada pelo que faz a gente faz diferente.

Tais transformações foram reconhecidas pelos demais e de vendedora à diretora comercial, Alice foi assumindo diversos cargos e papéis, até que em 1991 assumiu a superintendência e iniciou uma revolução na maneira de gerir o negócio. Tal mudança foi tão bem-sucedida que acabou levando-a ao atual cargo de presidência.

Outra diferença perceptível neste trecho diz respeito a relação que Alice mantém com o trabalho, uma vez que esta relação ultrapassa as questões puramente instrumentais e o resultado financeiro é descrito como secundário. A entrevistada busca vivenciar em seu ambiente de trabalho experiências que lhe tragam prazer e satisfação pessoal, além de implantar na companhia seus valores pessoais, de modo a garantir o entendimento e o consenso entre os sujeitos.

Eu tinha como missão de vida desde pequena, porque uma empresa cresce, ganha dinheiro e as pessoas trabalham em um ambiente competitivo e predatório? Porque que ao contrário, quando elas são felizes, a empresa não cresce? Porque você não pode ter valores e crescer? Então era muito claro o meu desafio. (...) Em 1991 a empresa criou uma Holding, como eu era bastante jovem, gostava muito do que eu fazia e estava levando jeito, eu fiquei a superintendente, e lá a gente começou a trazer a cultura do que eu aprendi, de transparência, honestidade, atendimento ao cliente, que sempre foi um padrão da família, eu fiz uma revolução (...). E na vida entra um pouco de sorte, porque tudo o que a gente fez de 1991 até 2000 era muito fora da sua época, investir em pessoas, um lugar sem sala, uma empresa menos burocrática e menos hierárquica, tudo isso era muito pouco falado e era meio que coisa do interior (...) nós não éramos o maior, mas éramos o mais diferente e os que estavam a mais tempo fazendo práticas dentro dessas premissas da administração

contemporânea. Então nós temos mais de 20 anos de prática de uma administração que agora começou a estar na moda (...).

Fica claro neste trecho que, embora Alice não tenha criado a própria empresa, ela se comprometeu com a inovação e revolucionou a forma como o negócio vinha sendo constituído. Os valores de seus modelos de referência influenciaram em sua motivação para empreender, porém Alice foi além da identidade pressuposta e, mediante sua atividade e as relações sociais estabelecidas, construiu novas facetas para a personagem mulher-empREENDEDORA, a **empREENDEDORA-INOVADORA**.

Eu acho que eu tenho a alegria de ter nascido em uma família que tem o espírito empreendedor. E o que é isso? (...) Empreendedores são pessoas que são apaixonadas pelo que fazem e não tem muito apego em ganhar ou perder, ele está no jogo. (...) Então é esse espírito de estar fazendo, construindo, agindo, e é lógico que quando eu estou em um negócio eu meço os riscos, mas eu não tenho medo de estar no jogo, eu não estou perdendo nada por estar no jogo, agora se eu vou jogar mesmo ou dar a cartada final vai depender do que muita gente ajuda. Então esse não ter medo nasceu mesmo do espírito empreendedor da minha família e acho que chega até ser um tipo de inteligência. (...) Então eu tive muita felicidade de nascer em uma família na qual os valores da instituição são maiores que os valores pessoais, ou eles se misturam. A família contribui nesse sentido, é uma família pequena e que a instituição está acima, é uma família que eu acho que tem inteligência emocional, porque se ela mata a galinha de ovos de ouro não tem mais ovos. (...) Então isso me facilitou muito e tem que ser assim, senão não dá certo.

Alice reforça novamente a importância da socialização primária para o que ela chama de “espírito empreendedor”, ou seja, sua capacidade para assumir riscos calculados, identificar oportunidades e ter visão de futuro para transformar ideias em ações. Tais discursos corroboram com a ideia de que o empreendedorismo é um fenômeno cultural, e como tal, fruto da construção social de hábitos, práticas e valores das pessoas. Destaca ainda que o seu modo de encarar o ambiente de trabalho é compartilhado pela família, quando afirma que os valores pessoais e institucionais se misturam e que a manutenção da companhia está acima dos interesses individuais ou financeiros.

[Fora do ambiente de trabalho eu sou] igualzinha, eu não tenho uma divisão entre a [Alice] e a profissional, isso também não vai existir mais, é muito difícil você vestir um quepe de pai de família, as pessoas que te mitificam mais, quando elas me veem elas falam ‘nossa você é tão simples’, mas você é uma coisa só. Muitas vezes os paradigmas, o poder, a pressão faz você sair de você mesmo, mas no fundo todo mundo precisa buscar a sua essência e minha luta muito grande foi de nunca perder minha essência. Porque tem pessoas que vão se

envolvendo tanto com a pressão, com o poder, com o dinheiro e a sociedade que você vai fazendo o que precisa ser feito e não o que você quer fazer, e você vai se afastando tanto de você mesmo que tem gente que (...) você não aguenta mais conversar, porque a pessoa não tem mais sua essência e seus valores, ela passou a ter a essência do mercado, da empresa. Eu sou a mesma pessoa, aqui, fora, na minha casa da represa, a mesma pessoa, com a mesma transparência, com a mesma simplicidade, com o mesmo jeito de ser, com os mesmos defeitos. (...) Minha vida é super normal, eu assisto televisão, vejo novela, leio revista e jornal, faço ginástica, bato papo.

Em seu discurso, Alice explicita a lógica do capitalismo atual e afirma que sua luta sempre foi manter a sua essência em meio a colonização e opressão. Neste sentido, podemos associar a “essência” mencionada pela entrevistada ao ser-para-si descrito por Ciampa (2005) e ao processo de mesmidade, concretizando um sentido emancipatório para a identidade. Segundo o autor, a individuação progressiva do sujeito ocorre a partir da socialização e implica a construção de uma história de vida consciente de si mesma.

Seguindo o mesmo raciocínio, Souza (2006) expõe que, para George Mead, o *self* de um indivíduo socializado e integrado à realidade social se manifesta tanto na afirmação de si como na identificação do sujeito com o contexto coletivo, e é formado por dois componentes indissociáveis: o “mim” e o “eu”. Enquanto o “mim” representa justamente a adaptação e a reprodução das regras e normas sociais, o “eu” apresenta-se como a inovação e a transformação dos conteúdos formalizados.

Desta forma, Alice deixa claro que, embora assuma a forma de diversas personagens, de acordo com o ambiente e o momento vivido, todas essas múltiplas facetas fazem parte de uma só essência (a totalidade do Eu), que a constitui como tal, igualando-a e diferenciando-a dos demais. Expõe como foi conciliar os papéis de empreendedora, mãe, esposa e mulher:

Agora é mais fácil porque meus filhos já estão tudo criados e a gente esquece, essa é a vantagem, porque quando eu tive três filhos em três anos e meio, trabalhando fora, e eu trabalhava na loja, trabalhava de sábado. (...) [Na cidade em que] eu morava, tinha gente que trabalhava na minha casa, e se para mim já era difícil imagina para quem não tinha. Agora o que afeta todas e aí é independente do dinheiro é a culpa, hoje já está menor, mas na minha época era grande, porque poucas mulheres trabalhavam fora. Mas mais uma vez eu tive o privilégio de vir de uma família que as mulheres trabalhavam fora, e a minha mãe sempre falava uma coisa que ajuda, ‘não tem receita, tem mãe que trabalha fora e tem filhos ótimos, tem mãe que trabalha fora e tem filhos terríveis; tem mãe que fica 24 horas dentro de casa e tem filhos maravilhosos, e tem mãe que fica 24 horas e tem filho que não virou nada’. A gente tem que saber que como mãe a gente tem ainda um papel muito

maior do que o pai, apesar de que os pais hoje participam muito mais, desde os médicos, da gravidez e tudo o mais, (...) não que meu marido não fizesse, mas hoje é muito mais fácil, mas mesmo assim a cobrança para a mulher é muito maior, e a gente tem que tomar muito cuidado.

Alice sempre destinou grande parte do seu tempo ao negócio da família, mesmo quando ainda era funcionária, o que a fez abdicar de aspectos da vida pessoal, como o acompanhamento integral do crescimento dos filhos. Ainda que possuísse o apoio das pessoas de seu entorno e se sentisse realizada com sua atividade profissional, não foi possível escapar do sentimento de culpa, usualmente presente nas mulheres que adotam a dupla jornada. Não obstante, tal sentimento foi remetido ao passado e aparentemente superado diante da boa formação dos filhos já adultos e da autorrealização alcançada com o sucesso do empreendimento.

Sendo assim, pode-se conjecturar que a multiplicidade de papéis femininos não abarca demandas incompatíveis em sua natureza, mas decorrentes das políticas de gênero construídas socialmente, de modo que é possível delinear estratégias de enfrentamento, como a auto-organização do tempo e o estabelecimento de parcerias, seja com os cônjuges ou auxiliares. Além disso, como destaca a entrevistada, não há receita quando se trata da educação dos filhos, e exercer duas ou mais atividades relevantes pode contribuir para que a mulher deixe de dirigir todas as suas expectativas e frustrações a somente uma delas.

A respeito da relação entre questões de gênero e políticas de identidade vale ressaltar a pesquisa de Souza (2009) que trabalhou o quanto a chamada divisão de gênero do trabalho atribui ao homem a responsabilidade pelo espaço público e provimento enquanto a mulher se torna referência para o espaço doméstico e cuidados com a família. Nessa construção, a maternidade é naturalizada e idealizada, reduzindo a mulher à condição de mãe e dificultando distinguir a sua voz em pautas não ligadas a temática da maternidade. Ainda segundo o autor, nas últimas décadas tem surgido diversas mudanças quanto a forma de pensar e exercer a paternidade e a maternidade, mas tais mudanças não foram sentidas em relação à normatividade social, de modo que as mulheres se sentem julgadas por não cuidarem o suficiente dos filhos, enquanto os pais cuidadores se sentem julgados por não ganharem dinheiro.

Tais apontamentos podem ser relacionados com o discurso da entrevistada quando esta levantou a questão da cobrança com relação a mulher, mesmo com o aumento da participação masculina, e o sentimento de culpa, gerado pelo não “cumprimento” desta normatividade social. Não

obstante a essas similaridades apresentadas, tanto Alice quanto Souza (2009) discriminam as diferenças presentes entre as classes médias e baixas, que em geral não contam com a estrutura familiar e financeira descrita:

Mas eu me preocupo muito mais com a mulher operária do que com a gente que está nesse escritório, porque a mulher operária sofre muito mais para fazer isso do que a mulher executiva ou que a mulher psicóloga que trabalha em uma empresa. A mulher operária sai de casa 5 horas da manhã de metrô e volta às 9 da noite e não tem lugar para cuidar dos filhos, então nós temos que distinguir bem o que é uma mulher que trabalha fora que tem média ou grande estrutura de uma que não tem nada de estrutura. Se você tem um padrão de trabalho que te dá condições de ter uma boa escola, procurar bons empregados, ou até pagar uma pessoa para estar sempre na sua casa é fácil, mas se você ainda tem que chegar em casa e tem que cozinhar, lavar roupa, é muito difícil. Então a gente tem que lutar muito para entender porque antes quando falava de mulher colocavam todo mundo no mesmo bolo, e todo lugar que eu vou eu procuro distinguir muito o que é uma mulher de classe média alta ser profissional e o que é uma mulher de classe baixa, tem uma grande diferença e que não é fácil, e muitas vezes ela é o arrimo da família, então tem que estar muito atento a isso.

Nesse trecho, fica explícito como a questão do gênero, enquanto forma de estruturar a prática social, sempre se configura como prática inerentemente histórica, se relacionando com outras estruturas sociais como raça, classe social, nacionalidade, entre outros. Deste modo, entender as políticas de gênero como relações de poder e dominação implica em continuamente questionar como essa interação ocorre em cada caso particular (Souza, 2009). Além disso, tal interação acaba por moldar a relação que a mulher estabelece com a carreira, especialmente aquelas que trabalham para assegurar a própria sobrevivência ou de sua família. No caso da entrevistada, esta preocupação associada a presença constante dos valores pessoais no ambiente de trabalho, aparece em sua forma de gestão empresarial perante os colaboradores, seja por meio dos benefícios concedidos aos pais e mães de família, seja por meio da academia e do salão de beleza disponibilizados no interior do escritório central.

Outra diferenciação presente em Alice é com relação ao preconceito, comumente relatado pelas mulheres empreendedoras:

Eu nunca deixei [ser alvo de preconceito por ser mulher]. O preconceito está dentro de você. Antigamente eu chegava em um lugar bem humilde, mas daqui a pouco eu sabia que eles teriam que me respeitar, porque eu me empunha de alguma maneira. O preconceito está muito dentro da gente, não é que não existe, mas você se deixa ter ou não à medida que você se fragiliza com ele, e fica tendo dó de você mesma. E eu vivi em um mundo só masculino quase, até hoje eu sou umas das únicas presidentes de empresa, (...) mas eu não me deixo ser

levada, não que não tenha, mas eu não tenho dó de mim, eu acho que isso é o importante, mesmo quando eu “pego” preconceito.

Nesse ponto, torna-se relevante retomar a questão de gênero já exposta anteriormente, porém sob o ângulo da distinção realizada por Ciampa (2002) entre os termos políticas de identidade e identidade política. As políticas de identidade definem como um sujeito, ao ser enquadrado em determinado tipo social, deve comportar-se perante a sociedade (Goffman, 2008). Ciampa (2002), citando o trabalho de Neuza Guareschi, complementa expondo o quanto grupos com identidades discriminadas ou oprimidas por setores dominantes da sociedade têm lutado para afirmarem suas identidades. Nesse sentido, podemos relacionar o relato de Alice ao estereótipo anteriormente citado da **mulher-mãe-cuidadora-do-lar**, que marginaliza e oprime todas as demais personagens possíveis desta mulher, como a **mulher-empreadora-de-sucesso** ou a **mulher-presidente-de-empresa**. Em uma sociedade na qual o espaço público e, sobretudo, os altos cargos são ocupados prioritariamente por homens, a mulher enquanto “personagem” e “identidade coletiva” tem se organizado para romper com essas políticas.

Neste cenário, muitos indivíduos conseguem contornar a lógica da política de identidade que lhes é imposta e procuram formas de emancipação, construindo, então, uma identidade política. Ciampa (2002) define identidade política como uma identidade que se constrói por meio da socialização em grupos com os quais o sujeito possa desenvolver uma identificação e que lhe deem sustentação, porém sem ser aprisionado pelas políticas de identidade desses grupos, de modo a apresentar autonomia e originalidade em seu processo de individuação.

Pelo relato, é possível aferir que Alice é uma dessas pessoas que têm buscado a emancipação por meio do enfrentamento das políticas de identidade que lhe são impostas, juntamente com os preconceitos e estereótipos, e vem construindo novas possibilidades em sua história pessoal. Além disso, a entrevistada apresenta em sua identidade características consideradas primordiais a uma empreendedora de sucesso, sobretudo a crença na própria capacidade e a não-vitimização de si, agindo para modificar a realidade que se apresenta.

Após cinquenta anos de dedicação e vinte anos no comando da empresa, atualmente Alice encontra-se em uma fase de envolvimento menor com o negócio, embora seu projeto de vida continue entrelaçado aos planos futuros para o empreendimento:

[Meus planos futuros] é continuar crescendo sem perder essa alma e esse jeito de ser. Hoje eu estou muito mais na parte estratégica, e cada vez eu pretendo ficar só nessa parte mais global, e talvez fazer um outro trabalho que seja parecido com o meu e que possa contribuir, mas eu ainda não sei o que é. Porque nos Estados Unidos quando as pessoas são bem sucedidas elas devolvem para a sociedade um tributo, e eu acho que daqui a um tempo está na hora de eu continuar na estratégia global, mas devolver para a sociedade algum tributo do que eu pude aprender, principalmente, e ganhar com isso.

Fica claro, portanto, que o empreendimento é algo central e vital na vida de Alice, que lhe trouxe muita satisfação pessoal e profissional. Por conta disso, seus planos futuros não incluem a aposentadoria, mas a propagação do seu legado, seja com o crescimento da empresa seja com algum outro tributo, como forma de compartilhar com a sociedade sua história de vida e continuar sendo ouvida e reconhecida pelo que fez.

A respeito dessa busca pelo reconhecimento, Ciampa (1997) afirma que a identidade surge como auto apresentações interessadas, feitas a alguém, por quem pretensamente sabe, *quem é e quem gostaria de ser*. Nesse sentido, destaca-se a tipologia progressiva de formas de reconhecimento desenvolvidas por Honneth (2003), no caso amor, direito e solidariedade, aos quais correspondem três maneiras de desrespeito: a violação, a privação de direitos e a degradação.

Alice vivenciou em sua história de vida as três formas de reconhecimento e tais experiências foram fundamentais para o enfrentamento dos posteriores desrespeitos com autonomia e segurança. O reconhecimento afetivo de sua família possibilitou o desenvolvimento de sua autoconfiança individual, traço marcante de sua identidade, assim como a esfera jurídica lhe permitiu o desenvolvimento do autorrespeito e a esfera da solidariedade a autoestima. Esses traços foram sendo desenvolvidos e fortificados ao longo de sua história, quando sentia confiança para implementar uma administração nova e diferenciada na empresa e isso era reconhecido por todos, ou quando trazia seus valores pessoais e familiares para o empreendimento de modo a valorizar as relações. Esse reconhecimento também ocorreu objetivamente por meio dos diferentes cargos assumidos até o atual cargo da presidência, além do reconhecimento público como uma empreendedora de sucesso. E essa busca por reconhecimento não acabou com o sucesso obtido, uma vez que pretende devolver a sociedade um tributo de modo a compartilhar sua história e continuar sendo reconhecida por sua trajetória.

Tais vivências foram fundamentais para que Alice enfrentasse o preconceito de um meio predominantemente masculino, um tipo de desrespeito de *privação dos direitos*, já que ela enquanto mulher deveria possuir o mesmo valor e participar igualmente da ordem institucional da sociedade, e também um desrespeito de *degradação moral*, já que tal preconceito poderia abalar sua capacidade de ver a si mesma como possuidora de habilidades dignas de estima.

Considerações Finais

Embora o início de sua carreira empreendedora não tenha sido uma escolha autônoma, a entrevistada foi além da identidade pressuposta, construindo novas facetas para a personagem mulher-empreendedora que lhe garantiram reconhecimento e satisfação pessoal.

Na história de Alice, o movimento de identidade prioritário é o que Ciampa (2005) chama de “mesmidade”, ou o que Mead descreve como “Eu”, ou seja, o processo de busca de transformação do indivíduo no qual, a partir dos personagens pressupostos, se prioriza a criação de novas possibilidades de ação. Isto significa dizer que, em interação com suas diferentes personagens, a pessoa procura criar novas atitudes e maneiras de se relacionar com o mundo e, em alguns casos, consegue modificar a teia social. Deste modo, em seu processo de individuação, Alice conseguiu driblar as políticas de identidade que lhe foram impostas, desenvolvendo fragmentos de emancipação em busca de uma identidade política.

Esse movimento permitiu que Alice pudesse ser considerada um sujeito emblemático, ao abrir novas possibilidades identitárias ao grupo de mulheres que realizam dupla jornada, quando supera as políticas de gênero construídas socialmente e que reduzem as mulheres à personagem de mãe-cuidadora-do-lar. Abre também novas possibilidades as empreendedoras ao se posicionar em condições de igualdade aos homens, que ainda são a maioria no comando de grandes empresas, se impondo com competência e sabedoria para enfrentar os preconceitos e estereótipos existentes, além das políticas de identidade impostas.

Histórias como a de Alice demonstram o quanto a identidade coletiva da mulher vem sendo reconstruída e realinhada com o mundo do trabalho e com a realidade da vida familiar moderna, o que implica em uma metamorfose da sociedade como um todo, sobretudo no que diz respeito a normatividade e aos estereótipos instaurados ao longo do tempo. Afinal, como afirma Lane

(2005, p.12) “chega-se assim à identidade como metamorfose desvendando a ideologia da não transformação do ser humano como condição para a não transformação da sociedade”.

Bibliografia

- Berger, Peter Ludwig; Luckman, Thomas (2004), *A construção social da realidade*, Petrópolis, Vozes.
- Ciampa, Antônio da Costa (2005), *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*, 10ª ed., São Paulo, Editora Brasiliense.
- Ciampa, Antônio da Costa (1997), *Identidade humana e as metamorfoses das metamorfoses*, Comunicação apresentada no Simpósio “Metamorfoses da Identidade no mundo contemporâneo” do Encontro Nacional da ABRAPSO de 1997, (mimeo) p.1.
- Ciampa, Antônio da Costa (2002), “Políticas de Identidade e Identidades Políticas”, in Dunker, Christian Ingo Lenz; Passos, Mª Consuelo, *Uma psicologia que se interroga – ensaios*, São Paulo, Edicon.
- Dornelas, José Carlos Assis (2008), *Empreendedorismo: transformando idéias em negócios*, 3ª ed. rev. atual, Rio de Janeiro, Campus.
- Global Entrepreneurship Monitor – GEM (2010), *Empreendedorismo no Brasil: 2009*, Curitiba, Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade.
- Global Entrepreneurship Monitor – GEM (2016), *Análise dos resultados do GEM 2015 por gênero*, Brasília, Sebrae.
- Goffman, Erving (2008), *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, 4ª ed., Tradução Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes, Rio de Janeiro, LTC.
- Honneth, Axel (2003), *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*, Tradução Luiz Repa, São Paulo, Editora 34.
- Lane, Silvia Tatiana Maurer (2005), “Prefácio”, in: Ciampa, Antônio da Costa, *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*, 10ª ed., São Paulo, Editora Brasiliense.
- Malvezzi, Sigmar (1999), “Empregabilidade e carreira”, *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 2, pp. 64-68.
- Souza, Paulo Fernando Pereira (2009), *Homens invisíveis: identidades de homens atendidos pelas políticas sociais de atenção às famílias em situação de vulnerabilidade social*, Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo.
- Souza, Renato Ferreira (2006), *George Herbert Mead: Contribuições para a Psicologia Social*, Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo.